A ARCA

{1}  
Ponto zero

NOS POUCOS INSTANTES que Heath Maskow desligou seu carro no estacionamento onde ocupara seu carro por volta da mesma vaga nas últimas três décadas (sempre perto da grande árvore), ele teve segundas opiniões quanto a prosseguir com aquilo tudo. Aquela insegurança vinha com um novo e indesejado companheiro falante em sua cabeça, lhe enchendo palestras mentais que Maskow classificava como “porcarias não oficiais de seu intelecto”. Um barulho um tanto nervoso de mãos revirando na parte de trás do veículo sobressaiu-se no silêncio exterior à sua mente debativa. Houve um *click* e uma parte no meio do encosto do banco traseiro desceu. A cabeleira molhada de um jovem suado em seus vinte e poucos anos surge como em um nascimento em versão couro preto. As lentes de seus olhos estavam embaçadas fazendo Heath recuperar um sorriso observando o jornalista desastrado pelo retrovisor. Um outro *ziper* é encontrado e o encosto abre-se por completo. O rapaz ajeitou-se no banco enquanto ofegava um pouco, e sem muitas cerimônias ligou um gravador fazendo o sinal positivo com sua mão direita.

“Onde exatamente estamos?”

“Já disse que não posso lhe dizer isso, garoto.” falou o velho com um cigarro aceso entre dois dedos com a maior paciência que conseguiu. “Por isso que você ficou nas últimas duas horas na merda do porta malas.”

Danson ignorou o último comentário com um piscar mais demorado e cansado de seus olhos atrás de óculos marrons. O matemático suspirou e colocou uma mão em sua testa, olhando para o cinto preto de sua calça.

“Isto foi uma péssima, péssima idéia garoto. Não sei como me convenceu disso, mas tenho de dar seu crédito.”

Newitt desligou e guardou seu gravador.

“Posso passar à frente por um pouco?”

Maskow passou seus olhos com indiferença ao jornalista enquanto conferia o estacionamento descoberto que era do tamanho de um pequeno shopping center, abrigando vários carros; a maioria deles com mais de quinze anos demonstrando entendimentos mútuos quanto em deixar as coisas como são. O pessoal sempre fora extremamente acomodado e fez Heath pensar com alguma novidade em seus olhos se todas aquelas coisas não eram muito coincidentes. Em seu carro, havia papéis de propaganda junto com restos de comida e até mesmo folhas de árvores e lama pelo chão do carona. No banco de trás, alguns sacos de supermercado cheios de lixo aguardavam sua data de soltura pacientemente.

Não tenho tempo para certas coisas pensou Maskow em uma *mea culpa* de rodapé mental.

“Por Deus, cara; não fique aí parado e me acenda um.” disse Newitt ansioso sentando-se ao lado dele. “Achei que nunca iria sair daquela mala... É melhor você ter uma história fodida de boa.”

“Fique agachado no chão, guri. Tem seguranças por todos os lados aqui.”

O velho lhe alcançou um cigarro aceso e depois de algumas baforadas o jornalista voltou ao seu tom de perguntas, ligando o gravador de novo. Não parecia incomodado em estar junto com todo aquele lixo no tapete.

“Ainda estamos no Canadá?”

“Olhe aqui garoto, não seja inconveniente.”

“Eu preciso perguntar. Onde está o seu prédio?”

“Estamos por cima dele.”

A mais de vinte metros de onde eles estavam, havia um elevado de mais ou menos um metro de altura, acessado por uma escada de pedra onde uma casa larga e aberta se evidenciava, com uma churrasqueira e muitas cadeiras distribuídas em mesas longas. Podiam-se ver longas janelas de correr por toda sua frente. Aos olhos do jornalista, parecia um condomínio florestal para recreação ao ar livre.

“A entrada é por ali. Atrás dos banheiros existem dois grandes elevadores e um acesso por escada.”

Um guarda saiu da sombra da casa, aparecendo ao sol e caminhando até o estacionamento. Desceu até o meio da escadinha de pedra e abanou para Manskow, que lhe retribuiu um aceno nervoso quase deixando cair seu cigarro nas calças enquanto o jornalista se escondia abaixando-se no banco.

“É da segurança. Reed. Gente boa.”

Heath abriu a porta com seu vidro já baixado e ligou o som de seu carro. Rolling Stones ecoou pelo estacionamento enquanto Reed conferia os arredores.

“Estamos em problemas?” perguntou baixo e nervoso o rapaz.

“Não, às vezes eu venho aqui para pensar. Acho que não teremos problemas.”

Um pequeno bip soou do bolso de Newitt.

“Meu GPS está maluco.”

Heath sentiu um impulso de levar suas mãos à cabeça, mas lembrou-se que o guarda ainda o via daquela distância.

“Desligue isso! Eles rastreiam essas porcarias!”

“Calma! Já desliguei. Não vá ter um ataque.”

O matemático girou seu banco para trás como se fosse pegar um pouco de sol em um último aceno à Reed. O guarda subiu a escada e voltou à sua guarita. Após respirar em um invólucro negro com um bocal e recuperando seu fôlego momentânea-mente, Maskow começou a falar junto com a música.

“Vamos logo com essa merda. Entrei para o complexo em 04, com mais ou menos trinta e seis. Sim, faça as contas e veja que tenho quase setenta. Eu e outros dois sócios conseguimos vencer uma concorrência sobre um algoritmo de software para pesquisa e classificação de dados astronômicos.”

“Trinta anos atrás?” perguntou o jovem do chão.

“Sim. Viemos para um local aqui perto, meia hora de carro daqui. Depois de seis meses, eles mudaram a política de prestação de serviço. Os outros caíram fora, mas eu aceitei o salário baixo em troca da estabilidade.”

Heath suspirou e completou o cenário ao jovem que já esboçava um pouco de impaciência.

“Minha vida pessoal era uma falência financeira total naquela época.” A mão direita de Heath tremia. Ele tossiu e então acariciou seu cabelo grisalho, em uma mania que já adquirira há muito tempo.

“Enfim... Nos primeiros meses, recebíamos malotes com dados vindos dos rádio telescópios que monitoravam o espaço. A quantidade de informação era... imensa. Em pouco tempo, não sabíamos mais o que fazer. Desistir não era definitivamente uma opção para mim.”

Danson parecia nervoso e frustrado. Maskow percebeu isso, mas continuou mesmo assim. Aquela era a sua história, de muita luta e poucas vitórias, e de inícios difíceis como qualquer cara recém casado com mais de sessenta prestações de sua casa o aguardando todo o mês.

“Depois de seis meses, resolvemos o problema.”

Heath tossiu mais três vezes seguidas. O repórter apertou com uma cara azeda o toco final de seu cigarro no chão sujo do carona, entre duas folhas verdes de árvore.

“Então você ainda não trabalhava aqui?”

“Depois da fórmula, somente eu vim para cá. O resto foi dispensado, com todas as indenizações pagas.”

A música foi terminando. Maskow falou em um tom baixíssimo enquanto a nova faixa não entrava.

“Tivemos um churrasco bem ali, e então me apresentaram um acordo para mais de dez anos, em um tipo de contratação diferente. Oferta única. O salário continuava a mesma merda, mas aceitei na hora. Se você visse o que fazíamos também aceitaria. Era uma loucura no meio de tantas possibilidades de coisas ainda a serem inventadas. Uma cachaça total.”

Mick Jagger começou a cantar *Mixed Emotions*.

“Depois algum tempo é que me dei conta que o que eles queriam eram pessoas dedicadas, e não motivadas por dinheiro. Veja, não se têm mais tantos desafios hoje em dia, e no mundo inteiro é só uma eterna competição para ver quem faz menos cagada.”

“Naquele dia estava junto com outros cinco homens. Usavam camisas ridículas havaianas de verão. Acho que eram suecos ou de algum país europeu. Só conhecia o meu chefe. Depois de beber muito mesmo e comer até quase passar mal, terminamos as piadas e o discurso mudou abruptamente. Todos levantaram e eu achei que era isso, que íamos embora. Para minha surpresa, me levaram até um elevador de carga na parte de trás da casa. O engraçado é que nunca imaginaria um elevador ali e comecei a rir, meio bêbado já pensando no que diria a minha mulher quando chegasse tropeçando em casa. Mas conforme os números diminuíam a coisa meio que perdeu toda a graça. Entramos todos ali com muito espaço sobrando. Burnswieler me entregou um grosso envelope pardo.”

Pude olhar o material por cima enquanto descíamos mais de vinte andares, e me pareceu sólido, com experimentos fotografados ao lado de gráficos de escalas. Se soubesse o que tinha em mãos teria olhado com mais cuidado e bebido bem menos uma hora antes. Das partes que vi, logo notei que era uma engenharia espacial.

“O que tinha lá em baixo?” perguntou Danson beirando uma angústia, limpando as lentes de seu óculos com a camisa.

“Um enorme silo nuclear, provavelmente uma herança de guerra de quase vinte metros de diâmetro, extensivamente modificado. De uma grossa janela, podíamos ver algo reluzente metálico girando em considerável velocidade. Não perguntei, mas me pareceu alguma liga de Mercúrio acionada por talvez micro explosões nucleares, girando um enorme rotor. Ele me falou em um grande sorriso que teríamos toda a energia que precisássemos por milênios. Em um console estava uma escala energética que representava o consumo de muitas cidades juntas por hora. Ele me disse que levaram cinqüenta anos e muitos silos para conseguirem resolver aquele problema que era o primeiro e mais primordial de todos.”

“E mostraram isso a você no primeiro dia?” disse o jovem quase incrédulo, com seus dedos passando pela frente de seu aparelho ortodôntico.

“Sim. Depois me disseram que estavam muito gratos ao que eu fizera e que eu teria resolvido um dos maiores problemas de todo o complexo, mapeamento otimizado de dados rádio estelares. Recebi um andar inteiro para usar de todos os recursos que eu pudesse na resolução de todos os outros problemas previstos no plano.”

“Então isto aqui é tudo uma ex-base militar?” perguntou mais animado o jornalista.

Heath desconsiderou o que Danson evidentemente estava em busca: uma notícia quente de conspiração para os seus ávidos leitores paranóicos. Maskow sentia a vida escoando de seu corpo velho, que acordava sempre com câimbras. Sua esposa já tinha morrido de problemas cardíacos e sobrara somente ele e aquele velho e imundo carro que um dia fora de Karen. Karen e seus grandes olhos e mãos quentes em seu rosto sempre a lhe dizer para divertir-se um pouco e viver ainda mais um pouco. Não conseguia se livrar daquele carro e sempre quando ia para o trabalho imaginava ela ao seu lado, retocando seus olhos no espelhinho e tocando em seu cabelo. Nos últimos dias sentia-se como nunca um velho tolo aguardando sua vaga no asilo ou uma arma com todas as balas no tambor. Precisava contar a sua história, antes que as palestras mentais que até agora eram controladas com antidepressivo tornassem discursos sem fim e as paredes de sua casa lhe parecessem uma coisa boa para se jogar, preferencialmente de cabeça. Já experimentara com sua mão, e a sensação de estar vivo depois de um pouco de dor vinha com uma bem vinda quentura e silêncio mental. Só depois de muito tempo e os roxos nas mãos Heath percebia que passara um pouco demais da conta.

O cientista continuou seu relato ignorando tudo o que passava por sua cabeça, precisou de tanta concentração que seus olhos fecharam e ele vislumbrou uma espécie de filme em suas idéias. Uma ótima técnica segundo seu último psicólogo.

“Pelo lado esquerdo tem uma pequena estrada. É por ali que os caminhões traziam os dados para nós de duas em duas semanas. E não eram mais em maletas; era algo mais parecido como grandes geladeiras. A rede de rádio percorre diversos locais específicos na Terra, registrando tudo que é emitido pelos planetas, estrelas, cometas, galáxias.”

“Ficávamos no quarto andar. Nos três andares de baixo ficavam os computadores para nossos cálculos e processamento de dados. Acho que ninguém no planeta tinha mais computadores que nós. Com toda aquela energia, podíamos sobrecarregar à vontade todos os microchips. Estes trinta anos passaram tão rápido que acho que acordei velho em uma noite para outra.”

Newitt acendeu outro cigarro, um pouco mais nervoso.

“Nosso programa conseguia identificar e reconhecer mudanças no espaço. Tínhamos mapeados milhões de objetos e procurávamos mudanças bruscas de deslocamento. Depois da técnica de mapeamento feita, tínhamos de buscar nos dados onde haviam deslocamentos estranhos provocados por matéria exótica. Acho que você deve saber o que são os buracos de minhoca – nós os chamamos de *Whisps*. Em vinte anos de dados, capturamos quatro localizações confirmadas de entrada e saída de matéria na galáxia. Asteróides sumiam de uma hora para outra sem radiação aparente. Nestes pontos mapeávamos estes vértices como suas bocas. Mas os filhos da mãe às vezes moviam vários *parsecs* de um mês para outro.”

“Buscávamos esses buracos em nossa galáxia que tendem a ser um tanto erráticos em seus movimentos conectando dois locais ao mesmo tempo. Isto fora a primeira parte do plano, feita nos primeiros dez anos. A dobra espacial era um efeito artificial dessa particularidade do nosso universo.”

Os olhos de Heath brilhavam. O trabalho de sua vida não era pouca coisa. Ele tinha certeza que um dia seu nome estaria em alguma enciclopédia galáctica escrita como nos livros de Asimov.

“Mas mesmo assim, tudo isso...”

O guarda saiu de sua guarita e entrou apressado dentro da casa dobrando pela esquina dos elevadores. Heath tirou seus óculos do bolso e conferiu mais uma vez o que estava acontecendo, franzindo seu rosto a uma linha na altura de seus olhos. E então o som do carro morreu, com faíscas saindo do console. Na grama do elevado, uma placa de metal com grama por cima virou em seu eixo horizontal, aparecendo uma lâmpada amarela que girava e piscava.

“O-Oh, Deus...” gaguejou Manskow.

Os alarmes de todos os carros, inclusive de Heath tocaram em uníssono. O velho ajeitou-se no banco e Danson endireitou-se no carona com seus olhos arregalados olhando para frente. Maskow em uma única paulada com sua mão arrancou o painel que insistia em faiscar, largando-o no chão sujo. Em seguida, todos os carros andaram meio metro para frente, puxados em um fenômeno magnético junto com um barulho de metal guinchando. Pneus estouraram e outros foram vazando como um chiado asmático. O pára-brisa do carro de Maskow espatifara e podia-se ver um aperto em toda a estrutura do carro, como se fosse esmagado com uma mão invisível de cima para baixo. Danson levou a mão em sua boca e notou seus dentes com próteses metálicas projetando-se de sua gengiva, rasgando a carne e sangrando bastante. Heath tinha um ar meio louco em seu semblante, e sua mão em volta de seu remédio para asma apertava-se em seu peito que arfava visivelmente. Os óculos de ambos estavam no chão, lentes rachadas.

“Precisamos ir embora!” urrou Newitt no meio de seus dedos que seguravam o sangue de sua boca, abrindo sua porta deformada com um chute.

O matemático sugou instintivamente seu remédio como em um acidente aéreo onde as máscaras caem em uma despressurização. Danson contornou o carro, e o ajudou a sair daquela caixa retorcida de metal. Agora os alarmes dos carros silenciavam e os dois ouviam suas fortes respirações no meio de toda a adrenalina em seus ouvidos. Eles foram caminhando erraticamente pelo estacionamento, tropeçando em seus pés que tremiam e vacilavam em meio a mais de quinze carros completamente estragados.

Danson rompeu o silêncio em um guincho louco.

“O QUE FOI... ISTO!”

“Eu.. não sei! O que houve com seu rosto?”

“M-Meu a-aparelho. Isso dói pra cacete!”

Após instantes de estupefação, ouviram gritos assustados junto com algo semelhante a um choro lamentoso. Prevendo a reação do velho, Danson gritou com Maskow colocando um dedo direto em seu rosto. Seus olhos eram de uma criança mimada e esfolada depois de uma surra.

“Por onde se sai desse inferno, velho fodido?”

Enquanto a mão de Heath fechava e tremia em um soco, ele só conseguia pensar que nunca tivera filhos por um destes casos do destino de ser estéril de nascença, mas se fosse o pai deste fraco em sua frente lhe arrebentaria o que restava de seus dentes na boca. Um grito forte que há muito em sua vida esperava para sair veio de sua boca.

“Suma da minha frente! S-seu covarde filho da puta, antes que eu cometa uma b-besteira.”

Já lhe faltando ar pela terceira vez naquele dia, Heath apontou a direção de onde tinha vindo e o rapaz lhe atirou um palavrão enquanto corria o máximo que podia pela estrada de terra batida. De onde estava, podia ver pequenas poças de sangue do rapaz no concreto do chão. Maskow acompanhou Danson com os olhos enquanto usava seu remédio mais uma vez, curvando-se com suas mãos nos joelhos e sentindo seu peito em brasa. Chorava de dor, até que seus brônquios finalmente cederam e o ar entrava mais facilmente em seu pulmão.

Voltou-se à casa do elevado e seu remédio caiu imediatamente de sua mão, em um reflexo involuntário de perplexidade.

Em sua frente, mais ou menos dez metros na frente da casa havia uma fenda visível no céu azul de mais de cinco andares acima da casa, em um semicírculo perfeito até o chão. Mesmo no sol daquela tarde, via o preto do espaço junto com o que lhe pareceu um enorme planeta laranja na parte inferior. Os gritos de Reed lhe fizeram dar o primeiro passo vacilante. Podia ver o homem deitado no chão e com uma mão levantada em sua direção. Reed tinha sido empalado por um pedaço de metal do telhado que caíra em cima dele. Com um pé no primeiro degrau da escadinha de pedra, Heath levantou os olhos e viu que o planeta acelerava em sua direção, e o espaço ia sumindo entre o que existia a milhares de anos luz e o céu azul bonito de maio. Sentiu seu almoço vir correndo até sua garganta e vacilou em um passo bêbado até o outro degrau. Olhou para seus pés e começou a sentir o puxão vindo do vórtice. Disparou em corrida para o guarda que abria e fechava a boca como um peixe fora da água. Em quatro passos rápidos alcançou a casa, e ali a pressão não era tão forte. Agachou-se no chão e segurou a mão de Reed.

“O b-botão na gu-guarita. E-Emergência!” balbuciou o homem cuspindo sangue no chão.

Heath espichou-se por ali sentindo o puxão de vento forte vindo de todos os lados. Pressionou um botão e um alto alarme sonoro soou, com dois silvos distintos repetitivos que lhe assustaram tanto que finalmente tropeçou estatelando-se no chão. O barulho de vento aumentou bastante, arrancando folhas de quase todas as árvores a cerca de duzentos metros dali. Os carros se moveram como se um ralo tivesse sido aberto e foram se acumulando todos em uma convergência esquisita. A grama do elevado se soltava e subia em tufos. Mais um pulso eletromagnético e os carros quase implodiram para dentro de si.

Segundos depois, onde Maskow conseguiu caminhar mais um pouco para dentro da casa, os carros voaram. Alguns acertaram a casa pelo lado esquerdo, outros tiraram pedaço do telhado. Um deles atingiu a guarita e quebrou-se ao meio. Arvores foram puxadas e desenraizadas por todos os lados. As folhas voavam e giravam em um espetáculo grotesco. Ele se protegeu junto à Reed, que estava em choque, sangue caindo do lado de sua boca em um filete.

“O carro de Karen está destruído” registrou Heath no meio de tanta informação classificada como alucinação por sua mente deslizando pela fronteira da loucura. Todo o prédio tremia, lhe fazendo tremer e bater os dentes, segurando-se no pilar de concreto ao seu lado.

Somente depois de muitos carros partirem para o outro lado da galáxia que Heath viu Newitt deixar de ser um ponto branco na estrada para se aproximar como um projétil balístico, debatendo-se e gritando o máximo que podia, sacudindo-se como um rato pego pelo rabo em uma experiência enquanto voava por cima da casa.

Danson, que nunca fora algo de destaque em sua cidade foi o primeiro humano a alcançar uma distância maior que o sistema Solar. Quando o jovem alcançou o espaço, seu grito cessou por imediato e grandes rachaduras por toda a sua pele lhe vergaram por todo o corpo, cedendo o que tinha dentro para fora. Todos os vasos sangüíneos de sua cabeça dilataram em uma morte instantânea. Sangue escapou da rachaduras da pele da forma peculiar com que líquidos funcionam no espaço e o corpo de Danson convulsionou duas vezes, ficando em uma semi-posição fetal, imediatamente congelando-se em uma estátua cinza de carne.

“Estamos salvos aqui por enquanto!” berrou Heath ao guarda que estava a poucos instantes de sua morte.

“Vou descer!” falou apertando o máximo que podia a mão de Reed, que fora um bom amigo casual nos últimos anos.

Antes de virar-se para os elevadores, Manskow olhou mais um pouco para o estacionamento que tornara-se algo de pesadelo em frente aos seus olhos míopes. Não havia nada mais ali, nem pedras muito menos concreto no chão, somente uma terra marrom escura escavada com uma força absurda. Rapidamente o escoamento louco da atmosfera avançava sobre a floresta ali em volta, que fez o cientista bater com sua mão na parede.

“Deus todo poderoso...” foi a única coisa que conseguiu dizer antes de entrar no elevador. Revelara-se um grande religioso segundo a última merda não oficial em sua cabeça.

Enquanto os gemidos do guarda iam cessando, os números do elevador diminuíam. Foram os trinta segundos que fizeram Heath recuperar um pouco de seu fôlego, enquanto ia perdendo a batalha mental em sua cabeça. Por mais estúpida que seja a cadeia de eventos que trouxeram o rapaz para o complexo, pensava ele ser responsável pela morte do garoto. O elevador abriu e ele entrou rápido. Aparentemente alguma coisa ainda funcionava. Com um tapa forte, apertou o numero vinte e oito e a porta se fechou junto com o último suspiro do guarda Reed neste mundo.

Dentro do elevador, a luz agora piscava vermelho junto com o barulho metálico do alarme sonoro. Suor lhe escorria as faces enquanto apertava seu remédio dentro de seu bolso.

*-Heath encontra portas queimadas / carne queimada;*

*-Seu colega aparece queimado / foi forçado por agentes a ligar o hipocampo, família sequestrada;*

*-O hipocampo funcionou, mas a energia requerida para fechar não funcionou, e o sistema travou / ele ligou autodestruição matou toda sua equipe (covarde)*

*-Heath vai até a sala / tudo queimado / planeta se aproxima / calcula coisas em sua cabeça / manda mensagem para centro espacial mais próximo, com dados secretos da pesquisa*

*-Hipocampo estaciona e equilibra dentro do planeta;*

*-Heath morre intoxicado pelo gás atmosférico do planeta;*

*Arca (I)*

*-Martin Karlgan (clone MK 3019) acorda em uma cadeira dentro do centro médico (desorientado), computador conversa com ele sobre o processo e ele vê seu número nas costas de sua mão direita.*

*-MK passa pelas partes da nave (inventar layout);*

*-MK ouve uma gravação sua (2932) perturbado, e um local da nave para ir... ele encontra os corpos mutiliados da equipe dentro das capsulas de sono criogênico. (2945) avisa para deixar os corpos ali, de forma que o próximo clone entenda melhor a situação.*

*-MK ouve uma projeção 3d sua (2946) onde ele diz que alterou o programa de recuperação de memória, pois afetava enormemente a sobrevivência... “eles vão utilizar tudo o que for para acabar com você Karlgan, protega sua mente e saiba distinguir as diferenças”*

*-MK encontra o último clone, que cometeu suicídio e escreveu em sangue na porta “Plano 387, única saída”.*

*Fim do mundo (II)*

*Sociedade pós apocalíptica, Os anos de MK original como professor. As fronteiras elétricas, definição do “inimigo” (bruto, selvagem, visceral, monstruosidades de tamanho descomunal)*

*Invasão em massa (os controladores), fuga pela arca, fim da humanidade na terra, órbita, decisão de curso, massacre na arca, Karlgan é o último;*

*Arca (II)*

*-MK lê o plano 387 - veículo, armas e localização do ponto zero; e unidade nuclear de explosão. Resta apenas dois veículos de oito;*

*-MK 3013 fala que é preciso de uma defesa contra o ataque psíquico e que ele vai construir um capacete. MK 3013 meses depois se grava com um capacete e diz que falhou, que é impossível.*

*-MK 3014 disse que limpou as entradas em desespero, pois elas trazem ainda mais sofrimento. Ele diz não ter coragem de seguir o plano.*

*-MK enfrenta o ultimo adversário, fica paraplégico;*

*Arca (III)*

*-3020 ouve a ultima gravação de 3019 (5 anos buscando assinaturas mentais do inimigo, posterior suicídio)*

*-3020 faz a restauração completa das memórias de MK;*

*-3020 parte da lua para marte.*